

**OS CINEMAS ARACAJUANOS EM DIAS DE “COMBATES” E “SEDUÇÕES”
(1939-1945)**RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar as salas de cinema em Aracaju entre 1939 a 1945, período também marcado também pela ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945). Como fontes, serão utilizados os registros dos jornais *Correio de Aracaju*, o *Folha da Manhã* e *A Cruzada*. Além deles, recorreremos a alguns documentos de censura produzidos pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), localizados no APES (Arquivo Público do Estado de Sergipe). Observamos que ir ao cinema em Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial era muito mais que uma mera distração. Nos cinemas os aracajuanos presenciavam exemplos de ações políticas, resistências, seduções e diversões.

Palavras-chaves: Cinema, Segunda Guerra Mundial, Estado Novo.

Esse texto tem como objetivo analisar o cinema em Aracaju como espaços de sociabilidade (Cf. CERTEAU, 2011) durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Aracaju entre 1939 a 1945 possuía cinco cineteatros, pois, além de filmes também eram realizadas apresentações teatrais. Eram esses os cines divulgados nos jornais *Correio de Aracaju*, *Folha da Manhã* e *A Cruzada*: *São Francisco*, na Praça Siqueira Menezes; *Rex* e o *Vitória*, localizados na Rua Itabaianinha; *Rio Branco*, na Rua João Pessoa; e o *Guarany*, situado na Rua Estância.

Ao ir a uma “matinée” ou “soiriée” as pessoas buscavam uma forma de lazer. Poderiam encontrar os amigos para bate-papos e fofocas ou momentos para suas aventuras amorosas no escuro do cinema longe de olhares curiosos. Esses espaços também ofereciam aos aracajuanos uma “janela” do mundo. Ou seja, através de ficções, documentários ou cinejornais, o público tinha conhecimento do que estava ocorrendo ao seu redor, mesmo nos

*Graduanda em História pela UFS. Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Bolsista PIBIC do projeto Memórias da Segunda Guerra em Sergipe apoiado pelo CNPq e pela FAPITEC – Edital PRONEM/2011. Email: raquel@getempo.org. Orientador: Dr. Dilton Cândido S. Maynard.

locais mais distantes. Além de ser “uma forma acessível e relativamente democrática de acesso à arte” (MAYNARD, 2011: 45).

As películas ofereciam aos aracajuanos notícias do Brasil e do mundo, principalmente no que se refere à guerra. Também proporcionou a aqueles espectadores costumes e modas que estavam em “alta”. A influência do mercado cinematográfico norte-americano é latente, encantando essas pessoas com o *American way of life*. As produtoras estadunidenses “invadiram” a cidade trazendo como representantes atores e atrizes, por meio das películas, um mundo moderno que Aracaju pretendia ingressar.

Era comum as pessoas receberem amostras grátis de produtos nas salas de cinema, como latas de leite ou creme dentais: “Domingo proximo haverá farta distribuição de amostra de Creme Dental KOLYNOS, assim como será exibido um film da grande marca Kolynos – Sorrisos em Estylos” (GUARANI, Correio de Aracaju, Aracaju, 18 de maio de 1940). Assim, ao olhar um astro hollywoodiano nas telas provavelmente desejariam ter o mesmo sorriso que ele. A melhor solução seria justamente o creme dental *Kolynos*. Portanto, essa distribuição de produtos era uma forma de comercialização através da “perfeição” da ficção. Era a tentativa de encantar o público de um mundo “belo” oferecido pelos norte-americanos. Além de promover o programa de higienização que, segundo Dilton Maynard, era uma proposta do governo de melhoramento da raça (MAYNARD, 1998: 68).

As emoções e opiniões sobre a guerra e a política do Estado Novo também eram afloradas nesses espaços. Quanto ao conflito mundial, pretendeu-se fazer com que a população tomasse partido dos EUA e seus aliados na guerra. À medida que o Brasil se envolvia cada vez mais com os Aliados e se afastava do Eixo, foi propagandeada a importância de servir na guerra como soldado, propagandeando também o nacionalismo e o dever de proteger a pátria, já preparando as pessoas para o conflito, como no filme *Regimento Heroico*:

Regimento Heroico – (...) homens valorosos que odeiam a guerra, como ela deve ser odiada, mas que cumprem seu dever defendendo o lar que construíram onde crescem seus filhos (Correio de Aracaju, 10 de março de 1941).

Saindo da ficção e entrando na vida real, havia atores cinematográficos que ingressaram nas Forças Armadas. Ao assistir um filme destas celebridades, as pessoas lembrariam que eles serviram a pátria, sendo um exemplo a ser seguido:



“A esquerda o conhecido o ator cinematografico Tyrone Power quando era aceito e fazia o juramento para seu ingresso no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Logo que termine seu tempo de instrucao para a Marinha Americana, Tyrone Power ira para o servico ativo da mesma.” (Foto da Inter-Americana)

(Correio de Aracaju, 18 de setembro de 1943)

Já em relação à política, o cinema visava aderir o apoio dos aracajuanos ao governo na tentativa de impedir oposições, o qual “estimulava a criação de filmes de ficção que reproduziam os valores apregoados pelo regime” (CAPELATO, 1998: 108). Todavia, dentro das próprias salas de cinema havia resistências ao regime ditatorial (1937-1945).

Getúlio Vargas tinha como objetivo disciplinar os brasileiros, ou seja, todos, unidos, seguindo os moldes do regime como o governo decretava. Não deveriam se preocupar com política, pois, a administração do país, estava em “boas mãos” com Vargas. O ditador, através dos seus interventores estaduais, como é o caso de Sergipe, tentava acabar com oposições. Como afirma Maria Capelato,

A propaganda política enfatiza a busca de harmonia social e a eliminação dos conflitos. As mensagens indicavam a construção de uma sociedade fraterna, via Estado, e com base nessa utopia criou-se a imagem da ‘sociedade em festa’, coesa e unida em torno do líder (CAPELATO, 1998: 58).

Entretanto, nem sempre as tentativas do governo surtiram o efeito desejado. As próprias salas de cinema foram espaços utilizados como resistência a um sistema

disciplinador. Aproveitou-se o escuro, momento esse no qual suas identidades seriam preservadas, para se comportarem contra os moldes desejados pelo chefe da nação. Era o momento da “geral”² (Cf.: MAYNARD, 2011: 53) aplicar *golpes*, comprovando que nem tudo era homogêneo conforme as vontades do regime. Um exemplo é a reclamação feita ao Correio de Aracaju:

E que a “geral” fala alto, alguns dos seus frequentadores, que já assistiram ao filme, começam a dizer o que vai acontecer: “a menina vai cair”, “ele morre”, “depois ele se casam” e outras coisitas que tiram o prazer do ineditismo e a paciência de quem assiste (O povo de queixa. Correio de Aracaju, Aracaju, 04 de dezembro de 1939).

Como afirmado no capítulo anterior, Michel de Certeau nos diz que o cotidiano é composto de (...) “combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das ações que o fraco pode empreender” (DE CERTEAU, 2011: 91). O Estado Novo como *forte* utiliza-se de *estratégias* na tentativa de disciplinar os cidadãos, através da força e da propaganda. Porém, o *fraco* tem como na tática “aproveitar as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (DE CERTEAU, 2011: 95).

Portanto, o espaço aqui observado, as salas de cinema, foi palco de combate entre *os fortes* e *os fracos*. Getúlio Vargas, seus interventores e a elite aplicaram estratégias na tentativa de disciplinar e uniformizar os aracajuanos, e uma das ferramentas foram as próprias películas. Mas a “geral” aplicou golpes contra esse regime nas oportunidades que surgiram que foi o escuro das salas escondendo suas identidades. Tais *táticas* foram como no exemplo citado, falar alto e assistir mais de uma vez para contar o que vai acontecer no filme.

Segundo Andreza Maynard,

Havia um impasse entre os compradores das ‘cadeiras’ e da ‘geral’. O fato era publico e registrado. Frequentemente os ocupantes da cadeira se queixavam das gerais que pagavam mais barato para ingressar nos cinemas (MAYNARD, 2011: 53).

Mais uma prova desse impasse eram as próprias reclamações feitas aos jornais da época. Alguns estavam insatisfeitos com as ações da “geral” e encontraram na imprensa uma forma de reprimi-las. A autora ainda afirma, “Num período em que se esperava cultivar a

² Essa “geral” eram aqueles que pagam mais barato pelo ingresso.

ordem e a obediência às normas, alguns aracajuanos utilizavam a escuridão para extravasar a liberdade” (MAYNARD, 2011: 53). Mesmo sendo utilizada a força para conter as pessoas e manter a ordem, houve manifestações de protestos contra essas medidas. Segundo Sheila Schvarzman, “o espaço das salas de cinema, e no olhar que se lança sobre elas, se constituem diferenciações sociais e culturais” (SCHVARZMAN, 2005: 154). Comprovando o impasse entre as autoridades e a “geral”:

Há poucos dias, em revide à Polícia, um grupo de estudantes provocou no Cine-Vitória demonstrações de protestos porque um deles tinha, sido expulso pela própria Polícia da sala de espetáculos.” (O CINE-VITÓRIA E OS OPERÁRIOS. A Cruzada, Aracaju, 3 de dezembro de 1944)

Outro exemplo de embates nestes espaços é referente à obrigatoriedade de execução do Hino Nacional ao início e ao final da sessão. Uma forma do governo exercer o nacionalismo na população. Havendo até o uso da força para que suas vontades fossem efetivadas. Comprovando esse fato, foi enviada uma carta do Frei Anselmo Pietrula, responsável pelo *Cine São Francisco*, ao jornal *Folha da Manhã*:

1º) O Cinema São Francisco está sendo fiscalizado diariamente pela Polícia e uma fiscal do Departamento de Propaganda nacional, únicos responsáveis e competentes no que se refere ao assunto.

2º) O Cinema São Francisco é frequentado por todas as classes da nossa sociedade e, não em ultimo lugar, pelas mais autoridades do governo, que não julga um desrespeito á honra do país tocar-se o hino nacional antes e depois das sessões cinematográficas (Cinema São Francisco. Folha da Manhã, Aracaju, 18 de outubro de 1939).

Primeiramente ele deixa bem claro que o *Cine São Francisco* era fiscalizado por órgãos do governo. Em seguida, ele afirmou que executava o Hino Nacional aparentemente por vontade própria. Todavia, o frei ressaltou que autoridades frequentavam o local e que estavam cientes que o hino era tocado. Provavelmente os fiscais, a polícia e a chefes do governo, além de irem ao local para ter certeza se há censura de algumas películas, eles também garantiam que o Hino Nacional era executado nas sessões. Em resposta a essa exigência, os cidadãos encontram formas de resistência:

(..) O Hino Nacional dera sinal que a projeção ia ter começo. Foi neste instante que uma surpresa desagradável. Um barulho ensurdecedor, originados de gritos, pateadas e assobios, como saudando a função do ecran, durante o tempo em que se ouvia nossa maior musica. E, para o cumulo da falta de respeito, muitos dos assistentes se mantiveram de chapéus á cabeça (DESRESPEITO AO HINO NACIONAL. O Nordeste, Aracaju, 26 de setembro de 1939).

Ao final da sessão, o Hino foi tocado novamente e desta vez as pessoas saíram da sala antes do fim da música.

Mas não era apenas o público que gerava os incômodos, os próprios funcionários dos cinemas agiam de forma indisciplinar:

Leitores nossos pedem que façamos chegar até o sr. Anísio Dantas, proprietário do simpático cinema Rex, o pedido para que acalme o tão apressado fechador de suas portas, que, antes muito de terminar o filme, perturba o silencio a atenção da assistências, com as pancadas e o trincar de ferrolhos nas portas laterais. É que há bastante tempo, para fechar tudo depois (O POVO SE QUEIXA. Correio de Aracaju, 05 de julho de 1943).

Provavelmente esse funcionário queria sair mais cedo do serviço, gerando o desconforto daqueles que gostaria de assistir seu filme com o maior silêncio possível. Ou seja, atrapalhava o divertimento e atenção dos espectadores do *Cine Rex*.

O controle:

Quanto à censura era feita por meio do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). O governo percebeu o quanto o cinema tinha força para influenciar o modo de pensar das pessoas. Consequentemente, tentou utilizar essa ferramenta para seu próprio benefício, seja vetando o que ia de contra suas ideias ou exibindo aquilo que afirmava suas intenções.

Conforme Maria Capelato, as regras para que as películas fossem censuradas e vetadas eram as seguintes:

Ofensa ao decoro público, cenas de ferocidades que induzissem à prática de crimes, cenas que induzissem aos maus costumes, incitamento contra o regime vigente, a ordem pública, as autoridades constituídas e seus agentes, cenas prejudiciais à cordialidades das relações com outros povos, cenas ofensivas às coletividades e às religiões, cenas que ferissem, por qualquer forma, a dignidade ou interessas

nacionais, cenas que induzissem ao desprestígio das Forças Armadas (CAPELATO, 1998: 107).

A Divisão de Cinema e Teatro do Departamento de Imprensa e Propaganda enviava aos cinemas listas com os filmes censurados. Contendo filmes proibidos ou estabelecendo a faixa etária mínima para acesso a sessão. Como forma de fiscalização era autorizada a entrada de funcionários a ingressar nos cinemas em exercício da censura (APES G7 135. Circula N° 17. Aracajú, 10 de janeiro de 1941). E era solicitado “as devidas providências quando fôr exibido nesta capital cada um dos filmes relacionados” (APES G7 135. Circular N° 22 aos proprietários dos cinemas Rio Branco, Rex, Guarany e S. Francisco. Aracajú, 31 de março de 1941).

Tentava-se impedir qualquer tipo de pensamento oposto ao regime ou ideias de resistências. Pretendia-se que os aracajuanos seguissem os moldes ditados pelo chefe do governo, que seria confiar a política e administração do país a Getúlio Vargas, e incentivar o nacionalismo. A guerra também teve influência, como a proibição de filmes que ofendesse países do Eixo como dos Aliados até a entrada do Brasil no conflito. Pois, até 1942 o Brasil mantinha-se neutro, tendo relações comerciais e diplomáticas com Alemanha e Estados Unidos, depois dos torpedeamentos que houve uma propaganda contra Berlim-Roma-Tóquio.

Os de casa:

Não havia tantos filmes nacionais como os dos norte-americanos nas salas de cinema de Aracaju. Um fator é a qualidade inferior das películas “da casa” sem condições de competir com os estadunidenses. Comprovando isso, é o fato dos jornais elogiarem mais o elenco de tais filmes que a própria produção:

“Onde estás felicidade” com admirável interpretação de Alma Flora e Rodoloho Mayer, as primeiras cenas emotivas do cinema brasileiro. A graça de Dycinha Batista... As “bolas” de Grande Othelo... A de Carlos Barbosa! Oscar Soares! Wanda Marchetti e a sinceridade de Nilsa Magradszi fazem deste film uma super-produção brasileira (Correio de Aracaju, 16 de outubro de 1939).

Mesmo na época, sob a censura do Estado Novo, houve críticas à qualidade do cinema nacional, como uma nota de jornal feita por J.M Fontes ao *Folha da Manhã*: “Poderia o

Brasil continuar indiferente a perspectiva de desenvolver seu cinema? Desenvolver, não é este o termo. Começar a fazer (cinema de verdade” – eis a expressão correta.” (FONTES, J.M. Ainda nosso cinema. Folha da Manhã, Aracaju, 21 de fevereiro de 1942) Curiosamente, o mesmo autor, um mês depois escreveu ao mesmo jornal elogiando os jornais e complementos nacionais, comparando-os com os estadunidenses e europeus “em pé” de igualdade. Quando aos longas, desta vez ele continua afirmando que precisam melhorar, mas já que possuíam material e perspectiva para isso (FONTES, J.M. Ainda nosso cinema. Folha da Manhã, Aracaju, 21 de março de 1942). Talvez tenha recebido alguma repressão pelo seu comentário anterior e tentou amenizar o que disse.

Por meio complementos, documentários e jornais nacionais Getúlio Vargas tentou transmitir os postulados do Estado Novo. Pois, a produção e censura era de responsabilidade do DIP. Essas diretrizes transmitidas eram a favor do nacionalismo e glorificação do governo, como no dia 22 de julho de 1942 foi anunciada a exibição do programa “Getúlio Vargas o homem providencial. (D.F. B)”, no Guarany (Correio de Aracaju, 27 de julho de 1942). Mas, devido predominância de películas hollywoodianas, Vargas tentou valorizar os filmes nacionais, criando a Lei que obrigava a exibição de produções brasileiras nas salas de cinema³ (Cf.: CAPELATO, 1998: 106). Todavia, não era obrigado ser um longa-metragem, poderia ser um jornal ou um simples complemento, os quais foram mais predominantes.

Quanto aos complementos, observa-se documentários de glorificação do Estado Novo, como a exibição dos Jogos de Verão. Assim, ao exhibir esse tipo de complemento, os chefes de governo tinham dois objetivos, tentar se inserir na vida da população e o melhoramento da raça:

Os 2os Jogos de Verão do Município de Aracaju, que serão levados a efeito, amanhã, na Atalaia Velha, serão inteiramente filmados pela Tupí Film Brasileira, de acordo com o contrato feito entre aquela companhia e a Prefeitura Municipal (Folha da Manhã, 04 de novembro de 1939).

Assim como na Alemanha nazista, que exibiam filmes sobre os esportes, mostrando o quanto o corpo dos atletas alemães era superior aos outros povos, mais fortes e mais belos.

³ Decreto nº 21.240, de abril de 1932.

Como é o caso do filme *Olympia* (1938) de Leni Reifenstahl. Havendo também uma glorificação do chefe de governo e da nação.

Eram utilizados também os cinejornais para propagandear o governo com (...) “o aparecimento sistemático da imagem de Getúlio Vargas (...). Exibições de conteúdos controlados, de textos oficiais, mesmo quando produzidos por cineasta de empresas privadas” (SOUZA, 2011: 119). Dessa forma, o ditador utilizava do cinema um espaço para estar em contato com as massas, centralizando sua figura como líder do país. Com a censura, buscava impedir a oposição e se configurava como salvador da pátria. Como afirma Samuel Paiva, era “um meio de propaganda ideológica do Estado Novo no Brasil” (PAIVA, 2011: 135).

“Ao fim da sessão”:

Ao analisar o cinema aracajuano durante a Segunda Guerra Mundial, observa-se que era um espaço utilizado pela população e pelos governantes para manifestações de prazer, poder, resistências e emoções. Seja pelo conteúdo das películas com o mundo “maravilhoso” oferecido pelas produtoras cinematográficas, ou a idealização de um herói nacional pelos cinejornais e documentários. Ou ainda, pelo comportamento das pessoas ao apagar das luzes.

O cinema não era um espaço isolado na cidade para que as pessoas apenas fossem assistir a um filme e depois voltassem para suas casas satisfeitas com algumas horas de diversão. Era também uma forma de viver em sintonia com o que ocorria no Brasil e no resto do mundo ligados e adaptados a Sergipe. Portanto, os cines-teatros de Aracaju eram ferramentas para *estratégias e táticas* do cotidiano.

Referências bibliográficas:

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena:** Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1.** Artes de fazer. 17. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MAYNARD, Andreza; MAYNARD; Dilton. **Dias de luta:** Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

MAYNARD, Dilton Candido Santos. **Em tempos de guerra:** aspectos do cotidiano em Aracaju durante a segunda guerra mundial (1939 - 1945). Relatório Final PIBIC. São Cristóvão 1998.

PAIVA, Samuel. A representação da realidade de Rogério Sganzerla: construindo a História a partir de Orson Welles e de cinejornais. In: CAPELATO, Maria (Org)... Et al. **História e Cinema**. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011, p. 135.

SCHVARZMAN, Sheila. **Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, nº 49, 2005.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Et al. (Org). **O Brasil e Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

SOUZA, José Inácio de Melo. Trabalhando com cinejornais: relato de uma experiência. In: CAPELATO, Maria (Org)... Et al. **História e Cinema**. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011, p. 119.

Fontes:

Correio de Aracaju, Aracaju, de 1939 a 1945.

Folha da Manhã, Aracaju, de 1939 a 1945.

A Cruzada, Aracaju, de 1939 a 1945.

APES G7 135. **Circula Nº 17**. Aracajú, 10 de janeiro de 1941.

APES G7 135. **Circular Nº 22** aos proprietários dos cinemas Rio Branco, Rex, Guarany e S. Francisco. Aracajú, 31 de março de 1941.